



Inovando para transformar: a experiência agroecológica de Nildo e Tina no município de Retirolândia-BA

Valdetina Lima Reis¹; Ivonildo da Silva Lima¹; Josefa Maria Silva de Almeida¹; Daniel de Carvalho Leite²; Karla Raquel Souza Amariz³; Gustavo Jonnas S. de M. Bezerra⁴; Kamila Ferreira da Silva Santos⁵

¹Agricultores experimentadores e organizadores da Feira Agroecológica de Retirolândia-BA, E-mail: thinna.aet@hotmail.com, nildo.s13@hotmail.com; ²Educadora popular no Movimento de Organização Comunitária (MOC), E-mail: jo-lts@hotmail.com; ³ Engenheiros agrônomos do Projeto de Integração do Rio São Francisco/Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), E-mail: carvalho.leite@hotmail.com, karlamariz75@gmail.com; ⁴ Mestrando no Programa de Pós-graduação em Extensão Rural da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), E-mail: gustavojonnas@gmail.com; ⁵ Coordenadora na Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional do Estado da Bahia (CAR), E-mail: kamillafssantos@gmail.com.

Eixo Temático: Manejo de Agroecossistemas de Base Ecológica

Apresentação

Este trabalho tem como objetivo relatar a experiência de Valdetina Lima Reis e Ivonildo da Silva Lima, um casal de agricultores familiares experimentadores da Feira Agroecológica do município de Retirolândia-BA, mais conhecidos como Tina e Nildo, respectivamente.

Contextualização da experiência

O casal, juntamente com sua família, reside na comunidade Pedrinhas, no município de Retirolândia-BA, mais especificamente no Território do Sisal, no Semiárido brasileiro. A região é caracterizada por uma evaporação média anual de 2800mm e precipitação média de 800mm, com chuvas irregulares e longos períodos de estiagem.

Essa região é conhecida pela grande produção de sisal no Brasil (DIAS et al., 2015), ao qual são atribuídos muitos problemas sociais e ambientais, como êxodo rural, concentração de terras, trabalho escravo, mutilações, desmatamentos, entre outros. Devido à expansão dessa cultura, muitas famílias agricultoras venderam suas terras aos grandes produtores, que passaram a explorar a mão de obra barata, de quem não tinha mais terra para plantar.

Foi nesse cenário que o casal de agricultores familiares decidiu resistir e reinventar suas atividades, as quais compõem essa experiência que poderá servir de exemplo para as demais famílias agricultoras da região.

Desenvolvimento da experiência

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.



Em situação semelhante a de outros agricultores da região, Nildo e Tina trabalhavam como diaristas. Porém, com as secas prolongadas era cada vez mais difícil encontrar trabalho. Nildo não via outra saída, a não ser viajar para o estado de Goiás e trabalhar com seus irmãos na extração de minérios.

No entanto, a história do casal começou a mudar em 2012, quando conquistaram uma cisterna de 52 mil litros, através do Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2), construída pelo Centro de Organização Comunitária Rural (MOC). Além de receber o reservatório, a família participou de um curso de Sistema Simplificado de Manejo de Água para Produção de Alimentos (SISMA). Esse curso visa construir uma proposta produtiva, na perspectiva da importância da implementação de técnicas agroecológicas de produção de alimentos, segurança alimentar e nutricional e o manejo sustentável do solo e da água. Nessa capacitação também são trabalhados temas, como a educação popular no contexto da convivência com o Semiárido e sua relação com a proposta de desenvolvimento sustentável.

Foi a partir do conhecimento adquirido nessa capacitação, que Tina percebeu como poderia desenvolver a agricultura com a água da cisterna e seu marido não precisava mais viajar. Conforme aponta Nildo: “nós já tínhamos o gosto pelo cultivo, mas a produção deslançou com a chegada da cisterna de segunda água em 2012, porque nossa principal dificuldade era a água, as vezes ficávamos esperando 30 dias pelo caminhão pipa e não vinha, por isso perdemos muitas plantas”.



Figura 1. Tina, Nildo e o filho, Miguel, em frente a cisterna.

O quintal da família mede aproximadamente 600m² e são produzidas hortaliças (coentro, couve, quiabo, cebolinha, alface, repolho, batata-doce etc.), frutas (banana, coco, pinha, graviola, laranja, maçã, morango etc.) e plantas ornamentais (rosa do deserto, castelo de rainha, olhera da mini, mini palmas, rabo de macaco, cabeça de frade, avelós, begonia, tapete, umbuzeirinho, flor de maio, flor de cera, etc.).

No espaço ainda são criados pequenos animais (caprinos, aves, suínos etc.) e abelhas nativas (Jataí, Mandurí, Mandaçaia MQA, Mirim Guaçú e Moça-Branca) e



exóticas (*Apis mellifera*). A família também beneficia alguns alimentos e produz beiju e biscoitos.



Figura 2. Abelhas nativas.



Figura 3. Plantas hortícolas e frutíferas.



Figura 4. Maçã.



Figura 5. Pequenos animais.



Figura 6. Plantas ornamentais.



Figura 7. Uva



A principal fonte de água utilizada no cultivo das plantas e dessedentação dos animais é proveniente da cisterna de 52 mil litros, a qual recebe a água da chuva que é captada pelo calçadão. Todavia, em anos mais secos, a família faz uso da água da Empresa Baiana de Águas e Saneamento S.A. (Embasa) para reabastecimento da cisterna.

Por se tratar de um bem escasso nessa região, os agricultores utilizam algumas técnicas para evitar a perda de água, como irrigar as plantas nas horas mais frias do dia, utilização de águas cinzas para irrigar as plantas forrageiras e frutíferas, plantio de plantas melíferas para garantia do pasto apícola para as abelhas durante o período de estiagem, sistemas de irrigação por gotejamento, uso de cobertura morta no solo, tela sombrite, etc.

Os produtos produzidos são vendidos para consumidores que vão buscar os produtos na casa do casal, mas há também entrega à domicílio e fornecimento para o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA). Neste último caso, o produto comercializado foi o beiju, para o qual já houve uma demanda de até 130 kg por mês, e era comercializado a R\$ 6,90 o quilo, todavia a prefeitura encerrou o contrato e o principal canal de comercialização é a Feira Agroecológica do município de Retirolândia-BA, que funciona todos os sábados, das 5 às 10 horas da manhã e, além de ser a fonte de renda mais segura, é o principal meio de divulgação dos produtos.

Desafios

O principal desafio enfrentado pela família foi a escassez de água para iniciar a produção de alimentos. Sendo superado com a construção da cisterna do P1+2. Outro desafio é a ausência de assessoria técnica para prestar orientações, que é driblado através de informações pesquisadas na *internet* e obtidas em cursos e visitas de intercâmbio.

Todavia tem alguns desafios que ainda não foram superados, como a conquista da terra própria, já que a terra onde estão produzindo faz parte de uma herança do pai de Nildo. Além do mais, a área utilizada apresenta limitações de espaço para as atividades desenvolvidas, pois, conforme já citado, totaliza apenas 600m².

Principais resultados alcançados

Para o casal, a principal conquista é poder viver sem precisar trabalhar para terceiros. Segundo Tina, ter o marido trabalhando com ela é algo que sempre sonhou. Ela ainda enfatiza que a chegada da cisterna foi fundamental neste processo: “a cisterna foi cem por cento bom pra gente, Nildo queria ir pra Goiás, mas com a produção para o consumo e a renda, ele está cada vez mais convencido a



não ir. [...] ele não acreditava mais nessas coisas, mas com a cisterna, as coisas melhoraram”.

Outro resultado importante, ainda de acordo com Tina, é a oportunidade de dar uma boa educação para o filho. Como ela relata ao ser questionada sobre os principais resultados alcançados: “está sendo bom, temos bons ensinamentos para Miguel, pra nós esta é uma educação boa para ele”.

Disseminação da experiência

Atualmente a propriedade familiar é visitada por outros agricultores familiares, por professores universitários, além dos clientes que encomendam plantas ornamentais para Nildo. Mesmo diante de alguns desafios, conforme mencionamos, a propriedade é bem estruturada e esta família é denominada de “agricultores experimentadores”, pois, recebem grupos de famílias a serem beneficiadas com a tecnologia social. Estes intercâmbios de experiências permitem compreender a viabilidade do Semiárido a partir da estocagem da água da chuva.

Referencias

DIAS, Acácia Batista; CUNHA, Adaiane Lopes; SILVA, Adriana Oliveira da; OLIVEIRA, Ildes Ferreira de. Potencial de indicação geográfica do sisal na Bahia. **Cadernos de Prospecção**, Salvador, v. 8, n. 1, p. 174-181, 2015.